

Derivação Verbal na Língua Terêna

NANCY E. BUTLER

1. INTRODUÇÃO. Na língua Terêna,¹ todas as formas verbais de superfície são derivados simples ou compostos de bases subjacentes. A derivação simples implica o desenvolvimento de formas verbais de uma base subjacente mediante processo de afixação. Na maioria dos casos, tal base consiste num tema verbal,² mas um substantivo pode igualmente ocorrer. A derivação composta implica o desenvolvimento de formas verbais de bases subjacentes através do uso do verbo auxiliar kôe 'estar' ou de sua contraparte transitiva kíxo. Tais derivados compostos são paráfrases de formas derivadas simples, mas às vezes comunicam mínimas distinções aspectuais não presentes nestas.

Uma vez derivada uma forma verbal da sua base subjacente, pode então ser classificada de estativa ou ativa. Verbo estativo é aquele que expressa uma relação estado-paciente, e verbo ativo aquele que apresenta uma relação agente-ação.³

Derivação simples:	base + afixos	= forma verbal de superfície
Derivação composta:	base + auxiliary	= forma verbal de superfície
Toda forma verbal de superfície pode ser:		
Estativa (manifesta relação estado-paciente)		
ou		
Ativa (manifesta relação agente-ação)		

Quadro 1

Resumo dos termos empregados na introdução

2. DERIVAÇÃO SIMPLES. Evidenciam-se diversos padrões de derivação simples de formas verbais das suas bases subjacentes. Tais padrões dão como resultado a divisão, ou classificação, dos verbos na língua Terêna.

Uma vez derivada (por afixação) uma forma verbal da sua base, são prognosticáveis outras derivações à base daquela mediante processo de afixação. Como consequência de tais derivações, algumas bases estáticas geram derivados ativos ao passo que certas bases ativas produzem derivados estativos.

Já que toda forma verbal simples é derivada no sentido de desenvolver-se de uma base, deve esclarecer-se a distinção entre as formas estativas e ativas que derivam diretamente das suas bases (i.e., formas fundamentais) e aquelas que são derivadas mediante processo de afixação das formas fundamentais de base oposta (i.e., formas derivadas). Todo verbo estativo e ativo pode ser classificado, pois, de fundamental ou derivado. Obtém-se a forma fundamental através de um acréscimo à sua base subjacente, e a derivada, sendo dependente de outra forma verbal, através de dois. Não existem formas fundamentais causativas, pois todo causativo é derivado de verbo estativo ou ativo.

base	$\left. \begin{array}{l} \text{estativa} \\ \text{ativa} \end{array} \right\}$	+ afixos =	forma <u>fundamental</u>	$\left. \begin{array}{l} \text{estativa} \\ \text{ativa} \end{array} \right\}$
			de superfície	
forma fundamental de superfície	+ outros afixos =		forma <u>derivada</u> de superfície (pode mudar seu caráter estativo ou ativo)	

Quadro 2

Resumo dos termos usados na Seção 2

2.1. ESTATIVOS FUNDAMENTAIS. Salientam-se quatro classes de estativos fundamentais — A, B, C e D — pelo respectivo processo de derivação de suas formas.⁴ A seguir são analisadas (1) as maneiras em que os verbos das quatro classes se desenvolvem das suas bases subjacentes e (2) possíveis derivados à base destes.

2.1.1. ESTATIVOS DA CLASSE A. Xúnati 'ele é forte';⁵ representa esta classe. A base, a partir da qual se desenvolvem os estativos deste tipo é tema verbal; xuna 'forte' é a base subjacente de xúnati. Os estativos da classe A não necessitam afixação no seu desenvolvimento.

Esta classe de estativos, como aliás a maior parte dos estativos fundamentais, não contém componente de processo ou ação inerente. Do estativo, porém, pode derivar-se uma forma ativa mediante a prefixação de /ko-/ 'agentivo' mais o sufixo consonantal de tema verbal /-k/ e a vogal de tema verbal /-o/.⁶ Assim, xúnati 'ele é forte' possui a forma ativa derivada koxunákoati 'ele está fortalecendo-o'.⁷ Desta forma ativa, pode-se derivar ainda uma forma causativa pelo processo de afixação de /i-/ 'causativo', como no caso de ikoxúnakoati 'ele está fazendo com que fique forte'.

Entre os temas estativos da classe A figuram pu 'gordo', hana 'grande', harara 'vermelho', upeno 'profundo', laka 'molhado', sasa 'limpo', upori 'coisa', xemeke 'rápido', hami 'polido', muya 'fraco', payá 'maduro', lapa 'leve', momi 'cansado', manene 'estreito', matutu 'cilíndrico', movo 'seco', mote 'pegajoso', seme 'insoço', tono 'verde/não maduro', ulala 'empolado', suva 'amargo'.⁸

2.1.2. ESTATIVOS DA CLASSE B. O desenvolvimento das formas derivadas da classe B se assemelha ao das da classe A. Há, contudo, importantes diferenças. À diferença da maior parte dos estativos fundamentais, os da classe B apresentam um componente de processo inerente ao seu tema. Por causa deste componente, a maior parte dos estativos da classe B manifesta desenvolvimento duplo: uma faceta de aplicação e outra de capacidade. Num estativo aplicado, o processo inerente ao tema já se tem realizado com relação ao paciente. Num estativo de capacidade, tal processo é suscetível de realização com relação ao paciente; a forma em si, contudo, não assevera realização prévia nem futura do mesmo.

Os estativos de capacidade são derivados das suas bases subjacentes pela sufixação da consoante de tema verbal /-k/ e do sufixo competente de estativo de capacidade /-e/. Muyúketi 'é capaz de apodrecer' é o estativo de capacidade derivada do tema muyu 'podre'. Tais formas não apresentam desenvolvimento ulterior.

Os estativos aplicados são derivados de uma base subjacente pela prefixação de /i-/ 'estativo aplicado' e a sufixação da consoante de tema verbal /-k/ mais a vogal de tema verbal /-o/.⁹ Assim, do tema muyu 'podre' se deriva o estativo aplicado imúyukoti 'está podre'.

Podem derivar-se formas ativas dos estativos aplicados pela prefixação de /ko-/ 'agentivo'.¹⁰

Quando prefixado a certos estativos aplicados, /ko-/ tem o efeito de baixar o /i-/ inicial 'estativo aplicado' ao nível da língua do /o/ do prefixo /ko-/, dando como resultado /koe/ em vez de */koi/. Assim, de imuyúkoti 'está podre' se deriva a forma ativa koemúyukoati 'ele está apodrecendo-o'.

Quando /ko-/ é prefixado à maior parte dos estativos aplicados, perde-se /i-/ inicial do estativo, como se vê no caso de kotuvókoati 'ele está mexendo-o', derivado do estativo aplicado ituvókoti 'está mexido (misturado)'.

Formas causativas podem ser derivadas tanto dos estativos aplicados quanto dos derivados ativos destes pela prefixação de /i-/ 'causativo'. O causativo iimúyukoti 'é feito ficar podre' é derivado desta maneira do estativo aplicado imuyúkoti 'está podre'. Do ativo koemúyukoati 'ele está apodrecendo-o' se deriva o causativo ikoémuyukoati 'ele está fazendo com que fique podre'.

Outros temas estativos da classe B são mure 'queimar', varere 'rasgar', hirere 'alinhar',¹¹ tuvo 'mexer', vayu 'flexível', típa 'espremer', tomi 'pingar', hoko 'deixar cair', pasi 'espremer', voho 'esmagar'. Todos estes perdem o /i-/ 'estativo aplicado' quando /ko-/ é prefixado. Vata 'sentar' e sayu 'deformar' são temas estativos da classe B que conservam o /i-/ 'estativo aplicado' quando /ko-/ é prefixado. Estes dois são também exemplos dos estativos da classe B que possuem apenas formas aplicadas do estativo.

2. 1. 3. ESTATIVOS DA CLASSE C. Os estativos da classe C diferem dos das classes A e B de diversas maneiras importantes. Os da classe C podem ter como base um substantivo ou um tema verbal; além disso, eles não contêm o componente de processo inerente. São derivados das suas bases subjacentes mediante o prefixo /ko-/ 'agentivo', o qual neste caso carece de significado ativo.¹² Assim, da base subjacente îma, 'marido dela', se deriva o estativo ko'ímati, 'ela tem marido / ela é casada'.¹³

Os estativos da classe C derivados de base nominativa apresentam relação dativa e podem ser traduzidos em português pelo verbo 'ter'. Quase todos os substantivos da língua podem transformar-se desta maneira em verbos estativos da classe C: kopéyoti 'ele tem um animal doméstico/de estimação' de pêyo 'animal doméstico/de estimação'.

Os estativos da classe C diferenciam-se também dos das classes A e B pelo fato de não terem formas ativas derivadas; daí não existir conflito no uso de /ko-/ como marcador de estativo. Os causativos, porém, podem ser derivados dos estativos através da afixação do prefixo causativo /i-/, do sufixo consonantal de tema verbal /-x/ e do sufixo vocálico de tema verbal /-o/. Assim, ika'ímaxoati 'ele faz com que ela se case' é causativo derivado do estativo ko'ímati 'ela é casada'.¹⁴

Entre as bases nominativas da classe C figuram kanêti 'verme', hô'o 'suco', ípovo 'roupas', ámori, 'netos', átoa 'seiva', êhho 'prêmio', ésa'i 'preço', êxe 'tampa', ípara 'presente', yêno 'esposa', pêyo 'animal de estimação'. Entre as bases tipo tema verbal da classe C, figuram otu 'quente', asa 'frio',¹⁵ noko 'necessidade' hhepi 'caro', miti 'cego'.

2.1.4. ESTATIVOS DA CLASSE D. Os estativos da classe D são únicos pelo fato de derivarem todos de bases nominativas mediante a sufixação da consoante de tema verbal /-x/ e a vogal de tema verbal /-o/. Assim, do substantivo árunoe 'moça', é derivado o estativo arunoéxoti 'ficar moça'. O /-x/ temático acrescenta um componente de processo ausente na base nominativa.¹⁶ Isto se contrasta com os estativos de classe B, os quais apresentam componentes de processo inerente ao tema. Os estativos da classe D carecem de derivados ativos e causativos.

Outras bases da classe D são hóvenoeno 'velhinha', yékoteeno 'velhinho',¹⁷ hhêve 'pés' (no uso estativo, isto significa 'nascido com os pés antes da cabeça'), mókere 'surdo', yóti 'noite', íngele 'inglês' (no uso estativo, isto significa 'seguir modos ingleses, comportar-se como pessoa inglesa'), híe 'grama, relva'.

	BASE	COMPONENTE DE PROCESSO	DERIVAÇÕES POSSÍVEIS	EXEMPLOS
CLASSE A	TEMA	NENHUM INERENTE	<p>\emptyset Base \emptyset Estativo</p> <p>/ko-/Base /-k/ /-o/ Ativo</p> <p>/i-/ /ko/ Base /-k/ /-o/ Causativo</p>	<p><u>xúnati</u> 'ele é forte'</p> <p>ko<u>xuná</u>koati 'ele eatá fortalecendo-o'</p> <p>iko<u>xún</u>akoati 'ele eatá fazendo com que fique forte'</p>
CLASSE B	TEMA	INERENTE	<p>Base /-k/ /-e/ Estativo de capacidade</p> <p>/i-/ Base /-k/ /-o/ Estativo aplicado</p> <p>/ko-/ /i-/ Base /-k/ /-o/ Ativo</p> <p>/i-/ (/ko-/) /i-/ Base /-k/ /-o/ Causativo</p>	<p><u>muyú</u>keti 'é apodrecível'</p> <p><u>imuyú</u>koti 'eatá podre'</p> <p>ko<u>múy</u>ukoati 'ele eatá apodrecendo-o'</p> <p><u>iimúy</u>ukoti 'é feito podre'</p> <p>iko<u>émuy</u>ukoati 'ele eatá fazendo com que apodreça'</p>
CLASSE C	TEMA OU SUBSTANTIVO	NENHUM INERENTE	<p>/ko-/ Base Estativo</p> <p>/i-/ /ko-/ Base /-k/ /-o/ Causativo</p>	<p>ko'<u>í</u>mati 'ela tem marido'</p> <p>ika'<u>í</u>maxoati 'ele eatá fazendo com que ela se case'</p>
CLASSE D	SUBSTANTIVO	PROPORCIONADO POR /-x/	Base /-x/ /-o/ Estativo	<u>arunoé</u> xoti 'ficando moça'

LISTA I:
ESTATIVOS FUNDAMENTAIS

2.1.5. CONSOANTES TEMÁTICAS E TRANSITIVIDADE. Todos os estativos são intransitivos pelo fato de que, sejam fundamentais ou derivados, apresentam uma relação estado-paciente. Em geral, os intransitivos ocorrem sem consoante temática, e é por isso que muitos estativos fundamentais carecem de consoante temática verbal. Os das classes B e D possuem tal consoante, porém, bem como todo estativo derivado de ativo. As classes B e D são aquelas que têm componente de processo (inerente no tema daquela, adquirido na forma estativa desta).

A consoante temática verbal é empregada nas classes A e C para transformar estativos em ativos. Quando ela ocorre em companhia de /ko-/ 'agentivo', produz-se transitividade. Parece haver uma vinculação entre processo, ação e as consoantes de tema verbal, e portanto entre estas e a transitividade.

A Lista I apresenta um resumo dos estativos fundamentais, mostrando como estes se desenvolvem das bases subjacentes e como produzem por sua vez outras formas ativas e causativas derivadas.

2.2. ATIVOS FUNDAMENTAIS. Quatro classes de base ativa — W, X, Y e Z — representam as maneiras em que os ativos fundamentais derivam suas formas. Na maior parte dos ativos fundamentais, a base subjacente é tema verbal, sendo substantivo em alguns casos.

2.2.1. ATIVOS DA CLASSE W. O verbo tetukoâti 'ele está cortando-o' representa a classe. Como toda classe de ativos fundamentais menos Z, as formas W apresentam componente de ação inerente.

As formas ativas da classe W são derivadas das bases mediante sufixação da consoante temática verbal /-k/ ou /-x/ e da vogal temática verbal /-o/. Assim, a forma ativa fundamental tetukoâti 'ele está cortando-o' é derivada do tema tetu 'cortar'.¹⁸ Um estativo aplicado pode derivar-se de certas formas ativas pela prefixação a estas de /i-/ 'estativo aplicado'. Assim, etetúkoti 'está cortado' provém de tetukoâti 'ele está cortando-o'.¹⁹ De outras formas ativas da classe W, pode derivar-se um causativo pela prefixação do /i-/ 'causativo'. Por este processo se deriva o causativo iníkoati 'ele faz com que ele coma'²⁰ de nikôti 'ele está comendo'.

Os ativos da classe W que possuem derivados estativos aplicados carecem de derivados causativos, e os que possuem estes carecem daqueles. Embora o prefixo /i-/ 'estativo aplicado' seja homófono de /i-/ 'causativo', a presença obrigatória de um paciente manifestado sob forma de objeto superficial serve para distinguir o causativo do estativo aplicado, no qual se expressa o paciente em forma de sujeito, estando obrigatoriamente ausente qualquer objeto.²¹

Das bases de uns poucos ativos da classe W, pode derivar-se também um estativo de capacidade mediante sufixação ao tema da consoante temática verbal /-k/ e do estativo de capacidade /-e/, como no caso de tetúketi 'é cortável'.

Bom número de verbos da classe W obedece geralmente ao modelo clássico, carecendo porém de determinadas partes dele. Evesékoti 'ele está descendo', por exemplo, possui derivado causativo com /ko-/ mas não tem estativo aplicado. Outros verbos da classe W (p. ex., huxôti 'ele está tocando um instrumento', atíhíkoti 'ele está espirrando', e auókoti 'ele está moendo cana de açúcar') carecem tanto de derivado estativo como de causativo.

A seguir são enumeradas outras bases ativas da classe W. As que possuem forma estativa aplicada são namu 'receber', isu 'matar', pahu 'mandar', hhe 'tirar, remover', keho 'quebrar', keyo 'torcer-se', kotu 'tirar leite', ma'a 'descascar', mituti 'colher'. As que possuem forma causativa são kayu 'voltar', imo 'dormir', taru'u 'atravessar', ivu'i 'cavalgar'. Entre os temas verbais da classe W que possuem derivados de tipo estativo aplicado e causativo com /ko-/ figuram mare 'tirar', miye 'estirar, estender', piru 'mover-se', mixa 'rasgar, romper', mita 'cair, deixar cair'. Dos temas da classe W acima referidos, keho 'quebrar', keyo 'torcer-se' e miye 'estender, estirar' possuem derivados tipo estativo aplicado.

2.2.2. CLASSE X. Os verbos ativos fundamentais da classe X são derivados de suas bases subjacentes mediante sufixação da vogal temática verbal /-o/. Assim, do tema sim 'chegar' se deriva a forma ativa simôti 'ele está chegando'.

Certos ativos da classe X, como no caso de simôti, podem tornar-se causativos pela prefixação do /i-/ 'causativo' à forma ativa, acrescentando-se também um objeto obrigatório para representar o paciente. Assim se deriva isimoâti 'ele faz com que ela chegue' do ativo simôti 'ele está chegando'. Outros ativos da classe X, como omaâti 'ele está trazendo-o', carecem de forma causativa. Os verbos ativos da classe X não apresentam derivados estativos.

As bases ativas da classe X que podem dar origem a causativos são: pih 'ir', pik 'temer', yon 'viajar', kam 'ouvir', hiy 'dançar', is 'cavar com enxada'. As bases sem capacidade de formar causativos são im 'pôr, colocar', epe 'pedir', eop 'sentir'.

2.2.3. ATIVOS DA CLASSE Y. Os ativos da classe Y constituem um grupo reduzido de verbos derivados das suas bases pela prefixação de /ko-/ 'agentivo', mas sem consoante ou vogal temática.²² Desta maneira se deriva a forma ativa komôhiti 'ele está jogando' da base mohi 'jogar'.

A formação de negativos ativos da classe Y difere da dos outros ativos fundamentais. Estes formam o negativo mediante alteração interna, conforme a qual todo /o/ no verbo se transforma em /a/, caindo o acento na sílaba precedente por causa da ausência do sufixo descritivo /-ti/, o qual não pode ocorrer no negativo. (Exemplo da classe X: ako sîma 'ele não está chegando'.) Os ativos da classe Y, contudo, geram sua forma negativa como a maior parte dos estativos fundamentais, isto é, pela prefixação de /o-/ 'negativo'; o acento cai na sílaba precedente por causa da ausência do sufixo descritivo /-ti/. Assim ako okómohi 'ele não está jogando' é a contraparte negativa de komôhiti 'ele está jogando'. (Ako é auxiliar negativo; v. Seção 6.)

Os causativos podem derivar-se dos ativos da classe Y mediante prefixação de /i-/ 'causativo' ao tema ativo e a sufixação da consoante temática verbal /-x/ e a vogal temática verbal /-o/ com objeto obrigatório. Assim, de komôhiti 'ele está jogando' deriva-se ikomôhixoati 'ele está fazendo com que ela jogue'. Os ativos da classe Y carecem de derivados estativos.

Outras bases da classe Y são yûho 'fala', momo 'ver', ítuke 'trabalho', ho'i 'fugir'.

2.2.4. ATIVOS DA CLASSE Z. A classe Z consiste num pequeno grupo de ativos fundamentais derivados de bases nominativas pela sufixação da consoante temática verbal /-x/ e a vogal temática verbal /-o/. Desta maneira o ativo nikaxoâti 'ele está alimentando-o' é derivado da sua base nominativa nika 'comida'. Por associar-se obrigatoriamente seu papel de paciente a esta forma ativa, o sufixo pronominal objetivo /-a/ está presente como representante do paciente. À diferença de outros ativos fundamentais, que possuem componente de ação inerente a sua base, os ativos da classe Z adquirem componente de ação através da consoante temática /-x/ na forma ativa. Os ativos da classe Z carecem de derivados estativos e causativos.

Outras bases da classe Z são ipîxa 'remédio', mbôla 'bola', îpi 'tela metálica', lapâpe 'pão de mandioca', epó'e 'bola'.

2.2.5. TRANSITIVIDADE. Embora todo estativo possa ser classificado de intransitivo, nem todos os ativos são transitivos. Aqueles que apresentam um papel associado de paciente, como tetukoâti 'ele está cortando-o' são transitivos; os outros, como simôti 'ele vem', são intransitivos. Além disso, os transitivos podem dividir-se num grupo que pede paciente, como omoâti 'ele está trazendo-o', e outro que ocorre facultativamente com paciente, como nikôti 'ele está comendo' ou nikoti xûpu 'ele está comendo mandioca'.²⁴ Em geral, os transitivos com paciente obrigatório não apresentam derivados causativos com /i-/ 'causativo'. Os intransitivos e transitivos que apresentam facultativamente um paciente, contudo,

costumam apresentar tais derivados causativos. Os estativos derivados resultam somente de formas transitivas.

A Lista II apresenta um resumo dos ativos fundamentais, mostrando como estes se desenvolvem das bases subjacentes e como produzem por sua vez outras formas ativas e causativas derivadas.

3. DERIVAÇÃO DE FORMAS COMPOSTAS. As formas verbais compostas podem derivar-se potencialmente de qualquer tema verbal mais uma forma do verbo auxiliar kôe 'estar'. Este auxiliar intransitivo pode levar o sufixo /-ye/ 'estado resultante provisório', dando assim kóye. Sua contraparte transitiva é kíxo. A seguir se analisam em ordem as formas derivadas de kóye, kôe, e kíxo.

Representam-se da seguinte maneira o uso destas três formas:

	kóye	kôe	kíxo
Estativos (todos intransitivos)	X	X	
Ativos Intransitivos	poucos	X	
Transitivos	escassos		X

Quadro 3
Resumo dos usos de verbos auxiliares

3.1. KÓYE. As formas verbais derivadas com kóye carecem de agente, manifestando uma relação estado—paciente. O estado é caracterizado de temporário e resultado de um processo pelo sufixo /-ye/ do auxiliar. Por causa da sua orientação estado—paciente, kóye identifica-se mais nitidamente com os temas estativos.²⁵

	BASE	COMPONENTE DE AÇÃO	DERIVAÇÕES POSSÍVEIS	EXEMPLOS
CLASSE W	TEMA	INERENTE	<p><u>Base</u> $\left\{ \begin{array}{l} /-k/ \\ /-x/ \end{array} \right\} /-o/$ Ativo</p> <p>$/i-/$ <u>Base</u> $\left\{ \begin{array}{l} /-k/ \\ /-x/ \end{array} \right\} /-o/$ Estativo aplicado</p> <p>$/i-/$ <u>Base</u> $\left\{ \begin{array}{l} /-k/ \\ /-x/ \end{array} \right\} \acute{o}/$ Causativo</p> <p><u>Base</u> $/-k/ /-e/$ Estativo de capacidade</p>	<p><u>tetuko</u>âti 'ele está cortando-o'</p> <p><u>etetú</u>koti 'está cortado'</p> <p><u>in</u>koati 'ele está fazendo com que ele coma'</p> <p><u>tetú</u>keti 'é cortável'</p>
CLASSE X	TEMA	INERENTE	<p><u>Base</u> $/-o/$ Ativo</p> <p>$/i-/$ <u>Base</u> $/-o/$ Causativo</p>	<p><u>sim</u>ôti 'ele está chegando'</p> <p><u>isim</u>oâti 'ele está fazendo com que ela chegue'</p>
CLASSE Y	TEMA	INERENTE	<p>$/-ko-/$ <u>Base</u> Ativo</p> <p>$/i-/$ <u>Base</u> $/-x/ /-o/$ Causativo</p>	<p><u>komó</u>hiti 'ele está jogando'</p> <p><u>ikomó</u>hixoati 'ele está fazendo com que ela jogue'</p>
CLASSE Z	SUBSTANTIVO	ADQUIRIDO EM $/-x/$	<u>Base</u> $/-x/ /-o/$ Ativo	<u>nikaxo</u> âtí 'ele está alimentando-o'

LISTA II:
ATIVOS FUNDAMENTAIS

Nota-se certa semelhança de relação entre kóye e as formas causativas. A mesma relação que existe, por exemplo, entre predicado e paciente em derivados ativos simples existe também em formas compostas com kóye. No derivado ativo koevátakoati 'ele está sentando-a/fazendo-a sentar', o paciente mantém a mesma relação com o predicado que na forma vata' kóye 'ela está sentada'. A segunda forma, porém, carece de agente. Isto não implica que somente a operação de um agente ou causador alheio no paciente possa afetar o estado resultante manifestado pela forma composta com kóye. O paciente da forma kóye pode ter sido responsável pela ação que produziu o estado resultante; a paciente de vata' kóye 'ela está sentada', por exemplo, bem pode ser agente da ação de sentar -se, tendo iniciado ela mesma esta ação sem interferência de outra pessoa.

Quando, porém, o tema representa um estado terminal ou qualidade inerente, um tipo de permanência, tal significado é menos compatível com o sufixo de resultado provisório *-ye/*.²⁶ Por este motivo, não ocorreria em circunstâncias normais uma forma como hana'i' kóye 'é grande' (temporariamente, como resultado de um processó).²⁷

Às vezes o tema composto com kóye não implica permanência, proporcionando o ambiente extralingüístico, contudo, um significado permanente ou terminal que torna kóye inaceitável como auxiliar. Pode-se dizer, por exemplo, pirere kóye ne xâne 'as pessoas estão todas alinhadas em fileira', sendo evidente o fato de elas estarem assim apenas provisoriamente. Por outro lado, ao falar de tomateiros enfileirados na roça, não se diria *pirere kóye ne tomáte porque o ambiente abrange um fator permanente incompatível com a ênfase em estado provisório acarretada pelo auxiliar kóye. Dando-se o caso, porém, dos tomates se tornarem comida na mesa em vez de plantas arraigadas na roça pode-se dizer perfeitamente pirere kóye ne tomáte 'os tomates estão todos alinhados'.

Exceto na presença de algum fator proibitivo, a forma verbal composta com auxiliar kóye pode ser derivada de qualquer tema apropriado.

Além do seu uso no sentido de focar estados temporários resultantes, o auxiliar kóye desempenha também uma função especializada. É o único verbo auxiliar que se pode empregar com temas intransitivos reduplicados para expressar a repetição ou a intensificação de um estado.²⁸ São possíveis três tipos de reduplicação: 1) reduplicação da sílaba inicial de um tema, como em háharara kóye 'é muito vermelho', 2) reduplicação do tema inteiro, junto com oclusiva glotal em certas formas, como em tuvo' tuvo' kóye 'mexe-se repetidamente', e 3) com menos frequência, reduplicação da vogal final do tema (pronunciada com prolongação e entonação ascendente), como em kasakuu kóye ongóvo 'tenho o estômago frio' (resultado de tomar uma bebida fria). Pode aumentar-se ainda mais a ênfase, reduplicando tanto a sílaba inicial quanto a vogal final, como em fítivee kóye 'é docíssimo',²⁹ ou repetindo um tema completo que já apresenta reduplicação de sílaba inicial, como em háharara háharara kóye 'é vermelhíssimo'. Se há sufixo de flexão verbal, apresenta-se no auxiliar.³⁰

3.2. KÔE. Os derivados verbais compostos com auxiliar kôe, sem o elemento restritivo *-ye/* 'estado provisório resultante', são muito mais compreensivos no seu alcance. O auxiliar kôe é compatível com temas estativos e ativos. Em geral, descreve um estado neutro em termos da origem do estado e dos efeitos temporários ou permanentes do mesmo. Por ser neutro, kôe apresenta nas suas formas certa sobreposição semântica com as derivadas com kóye. Pirere kôe ne tomáte 'os tomates estão alinhados', por exemplo, pode ser usado na descrição de tomateiros enfileirados na roça se o ambiente é propício para aspecto permanente; pode ser igualmente usado com relação a pessoas, como em pirere kôe ne xâne 'as pessoas todas estão enfileiradas' (sentadas talvez numa reunião), mesmo num ambiente claramente temporário. Às vezes a informação acerca da permanência ou impermanência de determinado estado não provém do ambiente extralingüístico, sendo inerente ao tema composto com o auxiliar kôe. Em tetuko' kôe 'é cortado', o tema 'cortar' sugere efeito permanente ou duradouro. Outros temas, como ikoko 'pendurar', são neutros. Um objeto pode ser fixo de forma permanente numa posição pendente (p. ex., lâmpada elétrica pendurada do teto) ou pode estar temporariamente em tal posição (p. ex., roupas

estendidas). Ainda outros temas, como vata 'sentar', sugerem impermanência. Em formas verbais compostas que utilizam o auxiliar kôe, qualquer informação acerca de permanência ou impermanência é proporcionada, não pelo auxiliar, mas pela unidade léxica do tema composto com kôe ou pelo ambiente extralingüístico.

Embora kôe seja neutro no que diz respeito a estado temporário ou permanente, pode acarretar o significado de subitaneidade ou imprevisão. Certos temas estativos e ativos intransitivos que têm que ver com existência ou movimento exibem sempre tal conotação quando compostos com kôe: ape' kôe 'ele apareceu de repente' do tema estativo ape 'existir', piho' kôe 'ele foi embora de repente' do tema ativo intransitivo piho 'ir'.

Os temas que descrevem qualidades inerentes ou estados terminais, como upeno 'profundo', não formam facilmente compostos com kôe, talvez por causa da natureza neutra deste elemento. Seria algo incongruente dizer de um modo vago que alguma coisa é grande ou boa ou profunda. Mas temas estativos deste tipo podem ocorrer com kôe para enfatizar a subitaneidade ou imprevisão de um estado, como por exemplo upeno' kôe 'era inesperadamente profundo', referindo-se sob ponto de vista de um carreteiro a um caminho quase intransitável por causa dos trilhos nele existentes.

Outros temas estativos, como ikoko 'pendurar', cujo significado não abrange qualidade inerente nem estado terminal, ocorrem mais comumente com a forma neutra kôe. Quando tais temas formam compostos com kôe, não está presente o aspecto de subitaneidade ou imprevisão. Assim, ikoko' kôe significa 'está pendurado' e não*'está inesperadamente/repentinamente pendurado'.

Há uma classe reduzida de temas como heu 'tudo' e uhha 'todo/toda' que carecem de derivados estativos simples. Estes ocorrem somente em formas compostas com auxiliar kôe. Cabem também nesta classe os números acima de três.

Ao se contrastarem kôe e kóye (com exceção dos usos intensivos e repetitivos de kóye com temas reduplicados), pode-se dizer que kóye é usado somente para ressaltar um resultado provisório, implícito no significado do tema composto com o auxiliar, ou atribuído pelo ambiente extralingüístico.

Alguns temas estativos, especialmente aqueles que se referem a posições corporais (sentar, estar em pé, estar deitado, agachar-se, etc.), preferem o enfoque do estado provisório e resultante e por isso ocorrem no mais das vezes, compostos com kóye. Estes podem ocorrer com kôe, porém, para expressarem generalizações acerca de um processo. Este uso se vê mais claramente no exemplo vata' kôe kipohêo; xe'o ngôe ngipohêo 'elas se sentam para lavar (as roupas), mas eu fico de pé para lavar', referindo-se em termos gerais à prática de sentar-se ou não para tal ou qual atividade.

Em muitos casos o contexto não indica claramente se é preferível o uso de kôe ou kóye. Em tais casos o falante tem a opção de enfatizar ou não um estado temporário e resultante. Se ele quiser insistir em tal enfoque, pode usar uma forma composta com kóye; se não, pode empregar um composto com kôe. Os seguintes exemplos esclarecem este uso: pirere kóye ne xâne 'as pessoas estão todas enfileiradas' (enfoque de estado provisório e resultante); pirere kôe ne xâne 'as pessoas estão todas enfileiradas' (sem enfoque de estado provisório e resultante).

3.3. KÍXO. Em toda forma composta com kôe, pode-se substituir o auxiliar transitivo kíxo, com a resultante transitividade da forma. Assim, de ikoko' kôe 'está pendurado' pode derivar-se ikoko' kíxoa 'ele o pendurou'.³¹ Das formas compostas em que kóye é usado com temas reduplicados na expressão de intensidade ou repetição, a contraparte transitiva pode ser igualmente derivada mediante uso de kíxo. Assim, de háharara kóye 'é muito vermelho' deriva-se háharara kíxoa 'ele o tornou muito vermelho'. O emprego de kóye em formas compostas com enfoque num estado provisório resultante, porém, carece de contraparte transitiva.

Quando kôe e kíxo são usados independentemente de tais formas verbais compostas, significam 'dizer', sendo kôe 'ele disse' a forma intransitiva e kíxo 'ele o disse a ela' a transitiva.

4. DESCRITIVOS E NÃO-DESCRITIVOS. Qualquer verbo estativo, ativo ou causativo pode tornar-se descritivo pela sufixação de /-ti/ 'descritivo'. (Todos os verbos no presente trabalho são apresentados na forma descritiva.) Qualquer verbo com sufixo descritivo é visto como que através de lente estativa. Tal enfoque de estado é normal no caso dos verbos estativos, que manifestam uma relação estado-paciente. Mas quando o sufixo descritivo impõe nos verbos ativos com relação agente-ação um enfoque estativo, o significado resultante é de uma espécie de estado caracterizado por uma ação. Isto equivale a um aspecto continuativo, tal como o dos tempos verbais progressivos em português: koyúhoti 'ele está/estava falando'.³²

Ocorrendo /-ti/ com verbo causativo, pode ser ou a ação causativa ou a da unidade léxica do verbo mesmo que recebe o enfoque estativo. Resulta o significado como de ação contínua, mas com certa ambigüidade acerca de qual seja a parte contínua da mesma.

As formas descritivas de todo verbo, seja este estativo, ativo ou causativo, têm uso predicativo. Só os estativos descritivos e os ativos sem papel associado de paciente podem ser usados de maneira atributiva. A sua posição sintática distingue o uso predicativo do atributivo. Por exemplo, o verbo estativo xúnati 'forte' é empregado de maneira predicativa na locução xúnati ne hóyeno 'o homem é forte' ou de forma atributiva em xunati hóyeno 'homem forte'.³³ De igual maneira, o verbo ativo imókotí 'dormindo' pode-se usar em função predicativa, como em imókotí ne kalivôno 'a criança está dormindo', ou atributiva, como em imókotí kalivôno 'criança dormida'.

As formas compostas do verbo ocorrem com sufixo /-ti/ somente no seu uso atributivo. Assim, pirere kôe ne tomáte 'os tomates estão enfileirados', quando colocado em posição atributiva torna-se pirere' koeti tomáte 'tomates enfileirados'. Semelhantemente, vata' kóye ne sêno 'a mulher está sentada', quando posicionado atributivamente, torna-se vata' koyeti sêno 'mulher sentada'. O mesmo se dá no caso de temas reduplicados com kóye. As formas compostas com kíxo não podem ser posicionadas atributivamente porque incluem papel de paciente obrigatório.

Os verbos estativos, ativos e causativos que não levam sufixo /-ti/ 'descritivo' são chamados não-descritivos e têm aspecto pontual. Ao passo que as formas descritivas são vistas como que através de lente estativa, as formas não-descritivas aparecem através de lente ativa. Quando se impõe um enfoque ativo em verbo estativo, resulta um aspecto pontual, refletido no verbo português 'ficar' ou 'tornar-se' com mudança implícita de estado.³⁴ Assim, o estativo não-descritivo xûna significa 'ele ficou/ se tornou forte', inferindo-se portanto que antes ele não era assim. Pode também significar 'ele é forte' enquanto permanecer o efeito do aspecto pontual.

Quando um enfoque ativo se impõe em verbo ativo ou causativo, resulta um aspecto pontual, refletido em português pelo tempo presente ou pretérito do verbo. As formas não-descritivas são sempre não-futuras. O ambiente temporal do contexto proporciona informação relativa a tempo verbal, como no caso dos estativos. Assim, o ativo não-descritivo imóko pode traduzir-se como 'ele dorme/dormiu', conforme o contexto. Nos dois casos, porém, a ação apresenta aspecto pontual.

Só os ativos não-descritivos com papel de paciente associado podem receber o sufixo passivo /-kono/. Quando se usa o passivo, não pode haver agente na mesma oração: omókono ne hóyeno 'o homem foi levado'.

5. FORMAS NOMINALIZADAS. Tanto as formas verbais descritivas quanto as não-descritivas podem ser nominalizadas mediante sufixação de /-ti/ 'nominalizador não-específico'. Assim, xûna 'ele ficou forte' (estativo não-descritivo) se torna xúnati 'um que ficou forte'. Imóko 'ele dorme/dormiu' (ativo não-descritivo) se torna imókotí 'um que dorme/dormiu'. Os causativos são nominalizados da mesma forma. Quando as formas descritivas são nominalizadas, porém, só aparece um sufixo /-ti/. Assim, xúnati 'ele é forte' (estativo descritivo) quando nominalizado manifesta a mesma forma superficial xúnati (nominal

não-específico) mas significa 'um que é forte'. Imókoti 'ele está dormindo' (ação descritiva) quando nominalizado não se pode distinguir da forma descritiva, significando porém 'um que está/estava dormindo'.

As formas nominalizadas podem funcionar como substantivos ou em construções relativas conforme sua posição sintática. Assim, na sentença enepone xúnati, pí'aa xe'éxa 'aquele que é forte tem dois filhos', a forma nominalizada xúnati funciona como substantivo-sujeito. Pode ser usada também num sentido relativo, como no exemplo seguinte: ápee hóyeno xúnati 'havia um homem que era forte'.³⁵

6. NEUTRALIZAÇÃO E AMBIGÜIDADE. Uma só forma superficial imókoti pode significar 'ele está/estava dormindo' (ativo descritivo), 'um que está/estava dormindo (ativo descritivo nominalizado), ou 'um que dorme/dormiu' (ativo não-descritivo nominalizado). Todos esses significados são comunicados de forma ambígua por idêntica estrutura superficial.

Tal neutralização se observa também em formas negativas por causa da incompatibilidade do sufixo descritivo /-ti/ e o auxiliar negativo /ako/.³⁶ Tanto as formas verbais descritivas quanto as não-descritivas se negavam mediante uso de /ako/ e a forma negativa do verbo. Alguns verbos criam o negativo pela prefixação de /o-/ 'negativo' à forma verbal. Outros formulam o negativo por alteração interna: todo /o/ no verbo se transforma em /a/. Nos dois casos emprega-se o acento da primeira posição. Assim, o ativo descritivo imókoti 'ele está/estava dormindo' tem como negativo ako imáka 'ele não está/estava dormindo'. O sufixo descrito /-ti/, sendo incompatível com o negativo, desaparece. A forma não-descritiva do mesmo verbo, imóko 'ele dorme/dormiu', tem também como contraparte negativa ako imáka 'ele não dorme/dormiu'. A mesma forma superficial representa o negativo do descritivo e do não-descritivo, resultando na mesma neutralização e ambigüidade que se notou no caso da nominalização.

Mais dois exemplos de neutralização ocorrem no caso de interrogativos e temas invertidos. A neutralização se dá em ambos os casos por causa da ausência do sufixo descritivo /-ti/. Os interrogativos informacionais que empregam palavras interrogativas³⁷ do tipo de kuti 'quem/que' levam implícito um enfoque de agente/alvo que afeta a posição do acento no verbo. Kuti com enfoque de agente exige na forma verbal intensidade de segunda posição. Assim, um verbo como koyúhoti 'ele está falando' leva intensidade de segunda posição³⁸ na sua forma declarativa. Na forma interrogativa, kuti com enfoque de agente leva intensidade não-deslocada de segunda posição, por causa da qual se acentua o verbo na terceira sílaba: kuti koyuhô manifesta enfoque de agente e significa 'quem está falando?'. O enfoque de alvo, contudo, exige intensidade de primeira posição, obrigando um verbo com o padrão acentual 2-3 de koyúhoti a se acentuar na segunda sílaba: kuti koyúho com enfoque de alvo significa 'o que ele está dizendo?'. Por causa do fato do sufixo descritivo /-ti/ num verbo influenciar a colocação do acento de maneira diferente de kuti, surgiria um conflito se ocorressem juntos kuti e /-ti/. Evita-se tal conflito porque o sufixo descritivo /-ti/ não ocorre nunca na presença de tais interrogativos. Com a ausência obrigatória de /-ti/, porém, resulta uma neutralização entre os efeitos descritivos e não-descritivos. Assim, kuti koyuhô (enfoque de agente) poderia significar 'quem está/estava falando?', como interrogativo do descritivo, ou 'quem fala/falou?' como interrogativo do não-descritivo. Semelhantemente, kuti koyúho (enfoque de alvo) poderia significar 'o que ele está/estava dizendo?', como interrogativo do descritivo, ou 'o que ele diz/disse?', como interrogativo do não-descritivo. Sem sufixo descritivo se neutraliza o contraste pontual/não-pontual, dando como resultado a ambigüidade.

Pelo mesmo motivo, ocorre neutralização em formas verbais que manifestam tema invertido. A ordem semântica normal das orações é predicado-sujeito, exemplificada por nikôti ne Maria, 'Maria está comendo'. Esta ordem, porém, pode ser invertida, ocorrendo 'Maria' antes do verbo. Tal inversão estimula enfoque de agente no verbo, marcado por acento de segunda posição. Uma vez que o sufixo descritivo pode exercer influência contraditória a respeito da colocação do acento, como no caso dos interrogativos, está obrigatoriamente ausente. Desta maneira, há neutralização na forma Maria nikô 'é Maria quem está/estava comendo', sendo nikô forma descritiva do verbo (o enfoque de agente exigido pelo tema

invertido cancela o sufixo descritivo); se não, subentende-se a forma não-descritiva, no qual caso se lê 'é Maria quem come/comeu'.

Semelhantemente, o objeto segue normalmente ao predicado, como em nikoti xúpu 'ela está comendo mandioca'. Esta ordem, contudo, pode ser invertida: xúpu níko 'é mandioca que ele está comendo'. Neste caso se salienta 'mandioca', estimulando enfoque de alvo e acento de primeira posição. Uma vez que o sufixo descritivo /-ti/ resultaria num conflito a respeito da colocação de acento no verbo, suprime-se obrigatoriamente tal sufixo, dando como resultado a neutralização dos aspectos pontual e não-pontual. Assim, xúpu níko pode significar ou 'é mandioca que ela está/estava comendo' (forma descritiva do verbo, menos /-ti/ por causa do enfoque de alvo estimulado pelo tema invertido) ou 'é mandioca que ela come/comeu' (forma não-descritiva do verbo).

NOTAS

1. A língua Terêna, da família Aruak, é falada por umas 5.000 pessoas que habitam a região sudoeste do estado de Mato Grosso. Desde 1966, a autora, em companhia da sua colega Muriel Ekdahl, vem realizando pesquisas de campo nesta língua sob auspícios do Instituto Lingüístico de Verão e sob convênio com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

O presente estudo foi empreendido durante um seminário de campo realizado em Cuiabá, Mato Grosso, em 1970 sob direção do Dr. Joseph E. Grimes, a quem a autora agradece a orientação e auxílio recebidos.

Utilizou-se no preparo deste trabalho uma concordância de textos em língua Terêna produzido por computadores à base de textos reunidos e transcritos por Muriel Ekdahl e Muriel Perkins como parte do Projeto de Recuperação de Informação Lingüística do Instituto Lingüístico de Verão e o Instituto de Pesquisas da Universidade de Oklahoma (E.U.A.), sob patrocínio parcial de bolsa GS-270 da Fundação Nacional das Ciências (E.U.A.).

Segue um resumo dos fonemas da língua Terêna consoantes /p/, /t/, /k/ (oclusivas surdas aspiradas), /ʔ/, /h/, /hh/ (equivalente a /h/ com palatalização), /s/, /x/ (sibilante alveo-palatal [ʃ]), /ʎ/, /tʃ/ (flape alveolar), /m/, /n/, /v/, /y/, e vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/.

Há dois tipos de sílaba acentuada, simbolizados pelos acentos gráficos /˘/ circunflexo e /˙/ agudo. O acento agudo indica que a sílaba é pronunciada com mais força e tom mais agudo que as outras, e que se prolonga a consoante seguinte. O acento circunflexo indica que a sílaba é pronunciada com mais força que as outras, com tom decrescente e vogal prolongada. Todo verbo apresenta duas posições de intensidade, chamadas 'primeira' e 'segunda'. Existem três padrões de intensidade nos verbos:

- | | | |
|----|------------|--|
| 1) | padrão 1-2 | acento de primeira posição na sílaba inicial e
acento de segunda posição na segunda, |
| 2) | padrão 1-3 | acento de primeira posição na sílaba inicial e
acento de segunda posição na terceira, |
| 3) | padrão 2-3 | acento de primeira posição na segunda sílaba e
acento de segunda posição na terceira. |

A presença do sufixo descritivo /-ti/, do imperativo negativo, de orações com 'quando' ou de enfoque de agente exige acento de segunda posição. Assim, num verbo como ixuxuko 'tecer' que apresenta padrão de intensidade 2-3, a presença de /-ti/ 'descritivo' implica intensidade de segunda posição, caindo o acento na terceira sílaba ixuxúkoti 'ela está tecendo.' A presença de negativos, imperativos positivos, não-descritivos (formas sem /-ti/), ou enfoque de alvo implica intensidade de primeira posição. Assim, na forma não-descritiva do verbo 'tecer', o acento cai na segunda sílaba ixuxuko 'ela tece'. Outros fatores, como por exemplo a extensão de uma palavra, podem causar deslocamento de acento, nota-se este fenômeno especialmente no caso de verbos curtos. Quando um acento agudo fundamental se desloca até uma sílaba vizinha, torna-se circunflexo, se se desloca até uma distância de duas sílabas, porém, permanece agudo. Assim, num verbo como piho 'ir', que apresenta padrão de intensidade 2-3, o acento de primeira posição cai normalmente na segunda sílaba em pihópone 'ele já foi para casa'. Em outra forma do verbo, porém — piho 'ele foi' — o acento de primeira posição se desloca até uma sílaba vizinha por causa da brevidade da forma (o acento agudo não pode ocorrer na sílaba final de uma palavra). Dada a forma pihopóne 'quando ele tinha ido para casa' (as orações com 'quando' pedem acento de segunda posição), cai o acento normalmente na terceira sílaba. Em outra forma mais breve

do mesmo verbo pihōpo 'quando ele foi para casa', um acento fundamental de segunda posição se desloca até a sílaba vizinha; em piho 'quando ele foi' um acento fundamental de segunda posição se desloca a uma distância de duas sílabas por causa da brevidade da palavra. Para discussão da acentuação na língua Terêna vide John T. Bendor-Samuel "Stress in Terêna", (Transactions of the Philological Society for 1962), Oxford (Inglaterra), 1963, págs. 105-123 abstrato de Bright, IJAL 30:178 (1964).

Outros estudos publicadas sobre a língua Terêna são: John T. Bendor-Samuel, "Some Problems in Segmentation in the Phonological Analysis of Terêna", Word 16:348-355 (dez. , 1960); John T. Bendor-Samuel, "A Structure-Function Description of Terêna Phrases"; CJL 8:59-79 (primavera, 1963); Muriel Ekdahl e Joseph E. Grimes, "Terêna Verb Inflection", IJAL 30:261-68 (julho, 1964); Dale W. Kietzman, "Tendências de ordem lexical de aculturação lingüística em Terêna", Revista de Antropologia 6:15-21 (junho, 1958), abstrato de Bright, IJAL 27:160 (1961). Charles L. Eastlack, "Terêna (Arawakan) Pronouns", IJAL 34:1-8 (janeiro, 1968).

2. Na presente análise, o termo 'tema verbal' inclui palavras comumente chamadas adjetivos (p.ex. , temas estativos fundamentais de classe A).

3. Wallace L. Chafe, "A Semantically Based Sketch of Onondaga", Suplemento do IJAL 36, No. 2 (abril, 1970). Nesta monografia, Chafe fala do núcleo da sentença como "unidade verbal ou predicativa a que se vinculam geralmente uma ou mais unidades nominativas que manifestam com relação à unidade fundamental uma de diversas relações possíveis, entre as quais as de paciente e agente".

4. Outros estativos fundamentais derivados de bases da mesma forma que os estativos de classe A mas sem derivados posteriores não são analisados no presente trabalho: ápee 'existir', êno 'ser muito', kútea 'ser como/igual a'.

5. Compete dar uma explicação acerca do sufixo descritivo /ti/. Todo verbo estativo, ativo ou causativo pode tornar-se descritivo mediante a sufixação de /-ti/. No presente estudo, todos os verbos aparecem na sua forma descritiva para facilitar-se a apresentação das relações que existem entre os estativos fundamentais e seus derivados ativos e entre os ativos fundamentais e seus derivados estativos. Omite-se na discussão toda referência a /-ti/ descritivo, mesmo que apareça /-ti/ em todos os exemplos. (Encontra-se na Seção 4 uma discussão completa da forma descritiva).

6. Os sufixos temáticos verbais são analisados por Ekdahl e Grimes (1964). Alguns verbos levam /-k/ e outros /-x/ na maioria das formas; mas em derivados como o estativo de capacidade, todos os verbos apresentam /-k/, ao passo que em outros (como na nota 9) todos levam /-x/.

7. O /-a/ após vogal de tema verbal /-o/ é o sufixo objetivo pronominal da terceira pessoa, representando obrigatoriamente o paciente em presença do agente. Um substantivo livre pode representar o paciente, no qual caso pode suprimir-se o sufixo objetivo pronominal.

8. Na derivação de estativos das suas bases subjacentes, se o acento da forma resultante ameaça cair na penúltima sílaba de uma palavra cuja sílaba final é /-ti/ 'descritivo', um /-i/ é sufixado entre a sílaba acentuada e o /-ti/. Desta forma, o estativo derivado da base sasa 'limpo' é sasá'iti e não *sasáti.

9. Quando sufixos qualificadores aparecem numa forma verbal, são colocados imediatamente antes da consoante temática. Alguns de tais sufixos, como /-ke/ 'plural', ocorrem somente com o /-x/ de tema verbal. Assim, o /-k/ temático da forma itipákoti 'está comprimido' é substituído por /-x/ quando aparece /-ke/ 'plural' na forma, como em itipákexoti 'eles estão comprimidos'.

10. /ka-/ é variante de /ko-/ mediante metafonia quando a primeira vogal da base é /a/. Se a vogal inicial é /i-, porém, é deixada de lado, e por isso o /a/ como segunda vogal ainda produz metafonia.

11. Mure 'queimar', varere 'rasgar', e hirere 'alinhar' não empregam /k/ temático nas suas derivações, mas somente a vogal temática /-o/.

12. Uma vez que os substantivos apresentam formas não-especificamente possuídas com sufixo /-ti/ 'possessor não-específico', como em imâti 'marido de alguém', pode ser esta uma razão pela diferença formal entre os estativos da classe A e os da classe C. Se os estativos da classe C fossem derivados das bases subjacentes sem prefixo /ko-/, como os da classe A, resultaria ambigüidade entre a forma não-especificamente possuída do substantivo e o estativo descritivo.

13. O estativo ko'imati 'ela é casada' constitui exceção à metafonia mencionada na nota 10. Apresenta-se a metafonia normal, porém, na forma causativa. Esta palavra exemplifica também o fato de que, quando /ko-/ é prefixado a uma base com vogal inicial, aparece // entre o prefixo /ko-/ e a vogal inicial da base.

14. O sufixo objetivo pronominal da terceira pessoa representa obrigatoriamente o paciente em presença do causador.

15. As formas kótuti 'está quente' e kásati 'está frio' são irregulares pelo fato de manifestarem elisão vocálica; apareceria ordinariamente uma oclusiva glotal entre o prefixo /ko-/ e a vogal inicial do tema.

16. Chafe, op. cit. Em contraste com a distinção traçada por Chafe entre verbos de estado e processo na língua Onondaga, opondo-se o paciente de um estado ao paciente submetido a um processo, na língua Terêna tal distinção estado-processo não é fundamental à semântica dos temas verbais, mas aparece de maneira derivacional.

17. Hóvenoeno 'velhinha' e yékoteeno 'velhinho' perdem a sua seqüência /eno/ final em presença do sufixo temático /-x/.
18. O /-a/ após vogal temática verbal é, mais uma vez, sufixo objetivo pronominal da terceira pessoa.
19. Em derivados estativos aplicados, como etetúkoti, o prefixo /i-/ é harmonizado em /e-/ por ser /e/ a vogal inicial do tema.
20. Em presença do causador, é essencial um paciente. Como se vê na nota 7, se não existe um substantivo livre com a função de representar o paciente, é obrigatório um sufixo objetivo pronominal.
21. Há uma sub-classe de verbos da classe W que possui derivados de tipo estativo aplicado e causativo. A forma causativa desta sub-classe é derivada com o /ko-/ normalmente agentivo em lugar do prefixo /i-/ regularmente causativo. Mihe'ókoati 'ele o abriu' representa esta sub-classe de verbos da classe W. Apresenta estativo aplicado imihé'okoti 'está aberto' e causativo komihé'okoati 'ele fez com que se abrisse'.
22. Os ativos fundamentais da classe Y, como os estativos fundamentais da classe C, acrescentam à sua base /ko-/ 'agentivo', sendo ativa, porém, a forma resultante da classe Y e estativa a da classe C.
23. Como no caso de /ko-/ 'agentivo', que apresenta a variante /ka-/ por metafonia quando a vogal inicial (menos /i/) do tema é /a/, assim também sob as mesmas condições /o-/ 'negativo' apresenta a variante /a-/.
24. Quando um verbo transitivo de duas ou três sílabas, como nikôti, é seguido imediatamente do objeto direto, o verbo perde seu acento, pronunciando-se a locução inteira como unidade com acento no objeto direto somente. V. na Seção 4 uma situação paralela no caso de verbos descritivos dispostos em forma atributiva.
25. Kóye é também compatível com alguns temas intransitivos ativos, mas raramente com temas transitivos ativos.
26. Chafe, op. cit. Conforme os termos empregados por Chafe, é a unidade léxica mesma que impede a derivação de formas compostas com kóye.
27. Dado um caso, porém, em que o tamanho não representasse estado terminal nem qualidade inerente, poderia empregar-se esta forma; seria, contudo, uma situação inaudita. (Paul Teller, 'Some discussion and extension of Manfred Bierwisch's work on German adjectivals', *Foundations of Language* 5:2, 187-91 (maio, 1969). Parece oportuna a discussão de Teller sobre o estado de restrições seletivas e de leituras contraditórias e anormais.)
28. Os temas transitivos ativos podem também ser reduplicados para expressar repetição ou intensificação, derivando-se contudo com o auxiliar transitivo kíxo (3.3) em vez do intransitivo kóye. Um exemplo de tal uso é namu namu kíxoa 'ele o segurou intensamente'.
29. Consistindo a sílaba inicial reduplicada numa só vogal, esta é separada da vogal inicial do tema por uma oclusiva glótica.
30. Na presença do sufixo /-ino/ 'benefactivo/motivo', o sufixo /-ye/ está obrigatoriamente ausente, como em tuvo' tuvo kó'inoa 'é mexido constantemente por causa dele'. É obrigatório com /-ino/ um objeto como /-a/ 'o'.
31. Na forma transitiva é obrigatório um objeto como /-a/ 'o'.
32. Na língua Terêna, o tempo futuro do verbo é marcado claramente, mas não há tal indicação dos tempos presente e pretérito. Se o sufixo futuro /-mo/ não ocorre, a feição temporal do contexto proporciona a necessária informação temporal.
33. Verbos de duas ou três sílabas perdem o acento quando dispostos em forma atributiva. Assim, a locução xunati hóveno é pronunciada como uma só unidade composta, acentuando-se somente o substantivo; não há acento no verbo estativo.
34. Determinados estativos, especialmente aqueles que tratam da existência, como ápe 'ser/existir', ocorrem raramente com sufixo descritivo /-ti/. Quando ocorrem, é com sentido atributivo em lugar de predicativo. Tais estativos, na sua forma não-descritiva, são incompatíveis semanticamente com o conceito de mudança de estado; por este motivo, o significado destes estativos na sua forma não-descritiva se assemelha ao significado presente geral dos ativos não-descritivos: ápe úne póteke 'há água no pote' (estativo não-descritivo), ko'ítuke Mirandake 'ela trabalha em Miranda' (ativo não-descritivo).
35. Este uso de /-ti/ 'nominalizador não-específico' em formas verbais tem o seu paralelo no caso de substantivos inalienavelmente possuídos. Tais substantivos, quando possuídos especificamente, ocorrem sem /-ti/, e quando possuídos não-especificamente, com /-ti/. Assim, ima Maria 'marido de Maria' é possuído especificamente (íma 'marido' ocorre sem /-ti/); imâti 'marido de alguém' é possuído não-especificamente (com /-ti/). O sistema de acentuação dos substantivos é semelhante ao dos verbos. O sufixo possessivo não-específico /-ti/ nos substantivos pede acento de segunda posição. Na ausência de tal sufixo, emprega-se acento de primeira posição. Como no caso dos verbos, o deslocamento de acento pode ser resultado da brevidade das palavras ou da proximidade do sufixo /-ti/.
36. Deve notar-se que as formas verbais descritivas e não-descritivas se tornam negativas mediante uso do auxiliar negativo /ako/, ao passo que as formas nominalizadas (bem como os substantivos simples) podem ser negativizadas pelo uso de haina 'negativizador essivo' ou ako. (cf Donald G. Frantz, *Toward a generative grammar of Blackfoot*, tese doutoral da Universidade de Alberta, Canadá (1970), págs. 222 ss.) A presença de ako em companhia de uma forma nominalizada nega a existência desta, p. ex. ako koyúhoti 'não há quem fale', sendo koyúhoti a forma nominalizada do ativo descritivo ou não-descritivo. A mesma forma

nominalizada empregada com haina, porém, significa 'não é ele quem fala', negando-se neste caso a identidade do falante mas não a sua existência.

37. As perguntas sem palavra interrogativa (prevendo-se uma resposta 'sim' ou 'não') não apresentam conflito. Em tais perguntas pode-se empregar normalmente o sufixo descritivo, resultando nestas formas interrogativas um contraste pontual/não-pontual: pihópoti? 'ele vai/ia?' ou pihópo? 'ele vai/foi?'.

38. Cai comumente este acento na terceira sílaba da palavra, sendo deslocado na presente forma até a segunda sílaba por causa da proximidade do sufixo descritivo /-ti/.

Tradução de Mary L. Daniel